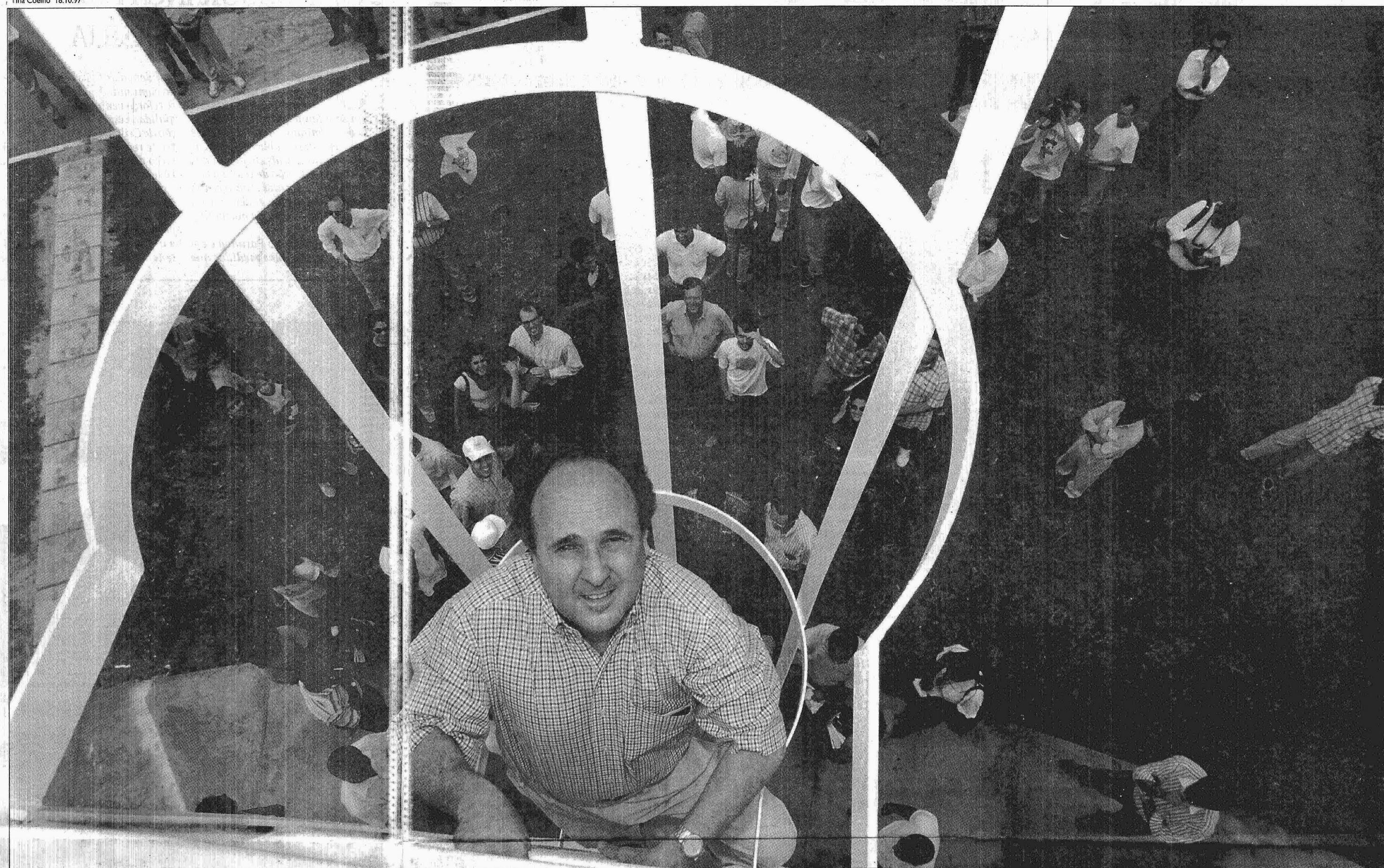


# CANDIDATO GRAÇAS A RORIZ



ESFORÇO — "Não vou deixar que fique na História que, por questões pessoais, entreguei o Distrito Federal à volta do pesadelo de antes. Eu não fui de batalha. Por isso quero ser candidato"

**C**ristovam Buarque está mais animado do que nunca para enfrentar o ex-governador Joaquim Roriz nas eleições de 1998 e não deixar que Brasília volte "ao pesadelo do passado". Foi o que o governador revelou nesta entrevista exclusiva ao *Correio Braziliense*.

"A minha preferência era que tivessemos um nome que não fosse eu capaz de aglutinar, ganhar a eleição e continuar esse projeto", diz. "Mas o que eu não vou deixar que fique na História é que, por questões pessoais, deixei correr frouxo o processo e entreguei o DF à volta do pesadelo de antes, em troca dos sonhos que a gente construiu. Eu não fui de batalha. Nesse sentido, eu quero ser governador de novo."

Ele desdenha das chamadas vias alternativas, encabeçadas pelo senador José Roberto Arruda (PSDB) e pelo deputado federal Augusto Carvalho (PPS). Acredita que a disputa será entre a esquerda e Roriz — ou melhor, entre ele e o publicitário Duda Mendonça, "especialista em fazer sabonetes para vender", contratado pelo ex-governador.

**Correio Braziliense** — O que o deixou satisfeito e o que ainda está por fazer?

**Cristovam Buarque** — Conseguimos mudar a mentalidade do Distrito Federal. Hoje o DF tem uma ideia de participação, respeita o trânsito, entende o que é democracia. É claro que essa nova mentalidade não se estende a todos. Uma parcela da população continua presa à ideia dos lotes. Não conseguiu entender que não tem mais farras de lotes. Até o barbeiro do presidente FHC perguntou a ele não poderia ajudá-lo a ter um lote.

**Correio** — O PT mudou a cabeça dos empresários?

**Cristovam** — Eles passaram a entender que PT não é bicho-papão. Até alguns anos atrás a imagem de Brasília era a corrupção, o conchavos políticos. Hoje é de um estado com soluções criativas.

**Correio** — Por que isso não se reflete no apoio à sua candidatura?

**Cristovam** — Acho que esse governo não conseguiu ainda vincular as coisas que ele faz ao meu nome pessoal.

**Correio** — Como se acaba com a mentalidade dos lotes?

**Cristovam** — Tempo, educação e firmeza. Tem muita gente que deve ser tentada, para ganhar a eleição, a distribuir lotes. Não vou cair nessa tentação.

**Correio** — Quais as promessas que o senhor não vai poder cumprir?

**Cristovam** — Eleição de administradores.

**Correio** — E a remoção da Estrutura?

**Cristovam** — Nunca marquei data. Eu dizia como seria. Estamos retraindo 20 famílias por semana.

**Correio** — E quando vai acabar?

**Correio** — Nas últimas substituições feitas no governo parlamentares reivindicaram postos para terem máquina nas eleições?

**Cristovam** — Estou analisando as alternativas. Vou fazer de uma maneira que será impossível usar a máquina.

**Correio** — Nas últimas tentativas feitas no governo parlamentares reivindicaram postos para terem máquina nas eleições?

**Cristovam** — Quais, por exemplo?

**Correio** — Deputados do PT afirmaram que Eurípedes Camargo precisava de um cargo para ter máquina no governo.

**Cristovam** — Nunca houve isso.

*José Varella 11.12.97*



PRESIDENTE

"Eu não sou o nome que aglutina o PT. Meu discurso pode aglutinar o PT daqui a cinco anos, dez anos"

**Correio** — Mas agora o senhor está aí, pegou gosto pela coisa...

**Cristovam** — Entrei no PT para ajudar o Lula, que me chamou, em 1990, até porque em 1989 eu votei em Brizola.

**Correio** — Qual o adversário mais difícil em 98?

**Cristovam** — Volto a insistir que nós temos uma polarização: a esquerda e Roriz.

**Correio** — Quem é a esquerda?

**Cristovam** — Todos os partidos que estiveram no segundo turno de 94, menos o PSDB e o PPS.

**Correio** — A terceira via não existe, então?

**Cristovam** — PSDB e PPS vão estar numa terceira via, mas no processo vão ceder caminho para a radicalização que surgirá. Polarização há em todo canto, especialmente no DF que é muito politizado ou muito fisiológico. Uma parcela é fisiológica e outra é politizada.

**Correio** — O PPS entende o seu discurso e o seu partido não?

**Cristovam** — O meu papel é fazer com que o meu partido entenda que eu descubra que meu discurso está errado. O meu partido é o meu partido e eu vou continuar nele. Não tenho nenhum interesse de ser alternativa fora do meu partido.

**Correio** — O PT está na contramão?

**Cristovam** — Um partido que tem o tamanho do PT não pode mudar na velocidade dos partidos pequenos. Quem tiver pressa não fique no PT. Eu não tenho nenhuma pressa.

**Correio** — Pode ser candidato em 2002, por exemplo?

**Cristovam** — Ou não ser candidato. Não entrei no PT para ser candidato.

**Correio** — Qual é a sua preferência?

**Cristovam** — Pode ser que a minha preferência seja atrasada. O PT tem três momentos. O momento heróico, quando um grupo de usados trabalhadores do ABC de São Paulo, quase tudo nordestino, pôe de arara, no meio de uma ditadura inventa de criar um partido enfrentando os comunistas e os militares. Era um absurdo, e deu certo. Surgiu o segundo momento com a democracia, um momento reivindicatório. É o PT que aglutina todos os trabalhadores do setor moderado com uma grande esperança. Falta a terceira geração, da qual eu faço parte. A geração propulsiva, fazendo a ponte entre os trabalhadores do setor moderno e os excluídos. Hoje o PT ainda está na segunda geração.

**Correio** — Qual é a sua preferência?

**Cristovam** — Para não deixar voltar o pesadelo. Só quando essas crianças da Bolsa Escola começarem a virar grandes escritores, grandes médicos, é que esse projeto de fato se realizará.

**Correio** — Qual é a sua preferência?

**Cristovam** — Ele morre se esse pessoal assumir. Eles não têm coragem de dizer que vão acabar com a Bolsa Escola. Meu medo é de que eles usem fisiologicamente no lugar da farra dos lotes, façam a farra da bolsa, começem a distribuir bolsa por deputado. Esse risco existe porque eles fizeram isso com lotes. Nesse sentido eu quero. Eu tenho apetite pelo poder, mas tenho apetite por outras coisas também.

**Correio** — Qual foi o momento mais delicado da sua administração?

**Cristovam** — A greve dos professores exatamente um ano depois de ter dado um reajuste salarial que nenhum outro governador deu. Isso, realmente, foi um erro. Com isso, comprometemos demais o GDF. Concentramos todo o dinheiro que Brasília tinha e concedemos aumento apenas para duas categorias (Saúde e Educação). A prova desse erro é que chegamos ao final do ano daquele jeito. Sem pagar as contas. O pior é que, ao concentrar aumento para essas duas categorias, a gente acabou não dando nenhum aumento para a administração direta. Isso me cons-

trange até hoje.

**Correio** — Que outro momento crítico o senhor destacaria?

**Cristovam** — As mudanças de secretariado que fiz em janeiro de 95. Tomei as decisões sozinho e, aliás, foi este um dos motivos da saída do Hélio Doyle (ex-secretário de Governo), porque não admitia que eu fizesse reforma sem a opinião dele. Tirei as decisões de minha cabeça e não me arrependo. Todas as mudanças que fiz sem consultar ninguém deram certo. As outras foram a saída do Hélio e o Protocolo de Intenções.

**Correio** — Hélio Doyle também foi contra o reajuste só para duas categorias, não foi?

**Cristovam** — É verdade. O Hélio me alertou sobre o risco daquele aumento. Ele teve a lucidez de dizer isso.

**Correio** — Quem o alertou em relação aos riscos da assinatura do Protocolo?

**Cristovam** — O Protocolo fiz da minha cabeça mesmo. E na minha cabeça pensei tudo que daria de confusão. Por isso, negociei três meses com o Governo Federal. E também por isso não assinei a privatização da Caesb, da CEB e do BRF.

**Correio** — O protocolo comprometeu sua relação com os sindicatos?

**Cristovam** — Comprometeu. Eu espero recuperar. Eu amadureci e os sindicatos também. O importante é esse amadurecimento mútuo. No começo comprei muita briga ideológica com os sindicatos. Eu fui mais profissional que o governador e político.

**Correio** — O senhor hoje é mais político?

**Cristovam** — Hoje eu converso mais, diálogo mais. Digo menos coisas à imprensa...

**Cristovam** — É por isso que eu quero que a frente continue no poder no DF.

**Correio** — Por que na periferia a aprovação ao seu governo é menor?

**Cristovam** — É onde a gente tem investido mais e repercute menos eleitoralmente. Lá ainda há a cultura de favor pessoal, e o meu governo não faz favor pessoal.

**Correio** — As 22 mil mães da Bolsa Escola não entenderam que esse governo é um sonho, como o senhor está dizendo?

**Cristovam** — Ainda não. Correio — Seu tempo está acabando...

**Cristovam** — Eu não vou administrar o meu governo com base na data fatídica de 3 de outubro de 1998. Tenho uma estratégia de governo, não uma estratégia eleitoral. Ficarei com meu humor muito afetado se eu tiver que mudar o meu projeto para ganhar a eleição. Ou fazer o que os marketeiro querem fazer com os outros, me transformar num sabonete. Não vou ter marketeiro.

**Correio** — O senhor já não contratou um, o Paulo de Tarso?

**Cristovam** — Ele é publicitário, não é marketeiro. Conversar com publicitário eu vou. Mas nenhum marketeiro vai me transformar num sabonete para vender. E tenho a impressão de que quem tentar virar sabonete não vai se dar bem, porque a opinião pública do DF, e até o povo, que está mais preso ao sistema anterior, não gosta de sabonete.

**Correio** — Tem algum candidato sabonete aqui?

**Cristovam** — Pelo que li nos jornais, tem candidato que já contratou publicitário especialista em fazer sabonete. Esse Duda Mendonça é um deles. Aliás, eu acho que a campanha, aqui, na verdade, vai ser eu contra Duda Mendonça.

**Correio** — E Cristovam via ser o seu próprio marketeiro?

**Cristovam** — Não, eu vou ser eu. Não sou um bom marketeiro. Todo mundo diz que meu governo é muito melhor do que a imagem que existe dele.

**Correio** — Por que o senhor contra Duda Mendonça?

**Cristovam** — É Duda quem vai fazer o candidato Roriz. E a mim ninguém vai fazer. Não vou repudiar nada de que fiz.

**Correio** — É provável que o

governo feche o ano sem resolver um problema que deixou sua imagem muito ruim, o sequestro de Cleuzinha...

**Cristovam** — Foi um momento de profunda vergonha, um momento constrangedor para o governo.

**Correio** — Como o senhor imagina que será sua relação com a oposição em 98?

**Cristovam** — Não tenho nenhuma esperança de que ela passe a ter um comportamento comprometido com a cidade. É uma oposição comprometida apenas com os interesses mesquinhos específicos dela, e que não tem nenhum constrangimento em usar qualquer tipo de instrumentos, inclusive os mais absurdos, como ter polícia privada servindo a ela.

**Correio** — E a campanha terá um bom nível?

**Cristovam** — Não tenho a menor ideia de como vai ser. Acho que Roriz, Arruda e Augusto e eu podemos manter um bom nível, inclusive o Roriz. Mas as pressões que ele vai ter para usar mecanismos absolutamente indecentes serão muito fortes, não sei se ele resistirá.

**Correio** — Mecanismos indecentes?

**Cristovam** — Espionar a vida da gente, como fizeram com minhas filhas, escutas telefônicas, ir a Recife espionar minha vida, como foi feito. Isso é perigoso que degenera. O PMDB usou um cara para fazer arrocha em manifestação de estudante, que depois foi preso como sequestrador. Um PMDB que usa um cara que vira sequestrador é capaz de tudo numa campanha.

**Correio** — De onde vem sua implicância com os jornalistas?

**Cristovam** — Não é implicância, é inveja, porque eu gostaria mesmo era de ser jornalista e meter o pau no governador.